

beleza interior

Sábado

A Marilena está me esperando lá fora, coitada. Sem nada pra fazer. Ela podia ter trazido uma revista, o jornal. Mas não deu tempo de pensar nessas coisas. Quando viu que minha febre não baixava por nada, ela foi firme: você vai pro hospital, agora! Gosto dela por isso, mulher decidida, sem frescuras. Claro que na maior parte do tempo ela faz denço, aquelas coisas de mulher que nunca decide o que quer em restaurante. Mas quando precisa, ela é macho paca, coitada. Chamou um táxi, checkou minha carteira pra ver se o cartão do seguro-saúde estava lá e me trouxe para o hospital. Perdeu o aniversário da amiga e está lá, sozinha, na sala de espera, sem revista, nem o jornal. Eu aqui, sem revista, nem o jornal, contando as gotas de soro que caem no tubo rumo à veia no meu braço. Gotas estúpidas. Insistem em cair rápido demais enquanto o tempo real passa lentamente, quase não passa, congelado.

Expliquei tudo direitinho ao médico de plantão: acordei passando mal, achei que era ressaca. Tive ânsias de vômito, mas nada saiu. Seja o que for que me preenchesse, escolheu a outra via. Diarreia. Gases. Mais diarreia. E gases. Diarreia aliviadora, gases aflitivos. Como se tudo dentro de mim fosse líquido e gasoso e indócil. Quando deu dez da noite e nada de a febre de trinta e oito graus passar, nem com quarenta gotas (igualmente rápidas, igualmente estúpidas) de Novalgina, Marilena sentenciou que iríamos ao hospital. Ela é psicóloga, quase médica, portanto obedecei. Ofereceu-me os ombros a título de escora insuficiente, já que peso quase o dobro dela, e me arrastou até o elevador como um caçador arrastando um urso abatido: com esforço e ar vitorioso.

O médico disse que pode ser uma virose. Ou uma infecção. Ou uma virose. Ou talvez uma infecção. Quase lhe propus tirar no par ou ímpar.

— O senhor sabe o que é passar um dia inteiro em calafrios e cagando água? Então não quero saber se é virose ou infecção, me arruma um remédio qualquer aí que faça isso parar, caralho!

Teria sido muito melhor ter dito isso. Mas aceitei o que ele tinha a me oferecer: um hemograma pra checar se tenho uma infecção e um pouco de soro pra não desidratar.

Uma vez que perdi a conta das gotas, um pensamento se formou: o dia não foi de todo perdido na intermitente e aquosa evacuação de coisa nenhuma. Algo de sólido se fez nele: Marilena.

Durante todo o dia, ela não saiu do lado da cama, a não ser quando necessário para me servir. Fez torradas. Saiu pra comprar água mineral no meio da chuva. Abraçava-me por cima do edredom enquanto eu tremia de febre e repetia com voz doce: “Calma, Mauro, vai passar.” Acarinhava minha nuca enquanto me estendia outro rolo de papel higiênico.

Ela já deu provas de dedicação muito além do socialmente aceitável para apenas três meses de namoro. Ela me viu cagar. Cagar água. E viu com olhos úmidos, não de pena, mas de real preocupação e empatia. Marilena é mulher para se partilhar uma vida. Na alegria e na tristeza, na saúde e na caganeira. Acho que soube disso desde a primeira vez que saí com ela. “É essa”, pensei. Essa é divertida, tem papo, não é fresca. Antes mesmo de comer, já sabia que ligaria pra ela no dia seguinte. E olha que nem telefonei. Fui logo mandando flores.

— Mauro, o hemograma não deu nada.

O médico cortou minhas reflexões com um algodão embebido em álcool, que pressionou em meu braço enquanto tirava a agulha.

— É cedo para receitar qualquer remédio. Pode ser uma infecção. Pode ser uma virose. É melhor ir pra casa. Se amanhã não melhorar, você volta.

Putaque o pariu!

Domingo

Foi a primeira noite em que Marilena e eu dormimos juntos sem transar. Eu não tinha condições. E ela nem tentou. Às vezes acho que isso foi bom. Prova que nosso relacionamento vai além do tesão. Tem futuro. Às vezes fico com certo receio. E se for um sinal de que o tesão já está acabando? Ela dormindo abraçada comigo, ouvindo os roncos no meu estômago, acordando preocupada a cada vez que eu me levantava pra botar água fora do cu. Será que o tesão dela vai voltar quando eu estiver curado?

Sei não. Sempre soube que mulher morre de nojo de merda, imagina de merda líquida.

Eu presto muita atenção no que o Edson diz. Afinal de contas, ele anda muito com mulher, sabe tudo. Verdade que ele sempre reclama quando lhe peço dicas:

— Porra, de um lado é mulher me perguntando como se faz um bom boquete, que eu devo saber porque conheço os dois lados da questão. Do outro vem você querendo que eu seja um espião no mundo feminino. Vocês acham que eu sou o quê, um Tirésias?

Ele sempre reclama. Mas sempre fala. Foi ele quem me ensinou tudo sobre os pelos do nariz. Mulher detesta pelo no nariz. Mas o crime maior nem é se deixar flagrar com uma mata virgem nasal. É se deixar flagrar no desmatamento. Isso mulher nenhuma perdoa, diz o Edson. Ver o homem enfian-do uma pinça narina adentro. Ela perde o tesão na hora.

O mesmo serve para cortar unhas do pé, passar fio dental. Elas perdem o tesão com cara de unha grande e dente sujo, mas querem imaginar que ele nasceu limpinho e estará sempre limpinho. O processo para chegar até o ideal delas há de ser sempre escondido. Justo. Eu não quero ver mulher se depilando na minha frente.

E por fim chegamos ao mais importante de tudo, a verdade mais incontestável do universo: nunca cague na frente de uma mulher. Algumas até gostam de ver o cara mijando — de pé, claro, quando você chega bebum em casa e acaba mijando sentado não vale. Acham másculo. Mas cagar é o último tabu.

E cá estou eu, com diarreia, sendo assistido pela Marilena, que incorporou com toda força sua porção enfermeira, para não dizer maternal.

Pior: hoje não estou mais cagando água, mas uma pasta amarela que fede feito um cão sarnento morto há dois dias. O banheiro está empestado. E ela fazendo ma-carrão cabelo de anjo pra mim, toda feliz.

Ela realmente me ama muito e isso é a prova de que nosso amor sobrevive a tudo.

Ou depois que eu me curar ela vai começar a inventar dor de cabeça, não vai mais querer transar e em duas semanas me aparece com aquele papo de “eu preciso de espaço”.

Confesso que isso me dá medo. No primeiro dia, estava tão mal que não tinha forças para recusar sua ajuda. A esta altura, porém, eu preferia tê-la longe, para ter certeza de que ela sempre pensaria em mim como o homem que fica duro dentro dela mesmo depois de gozar. Não como um cagão imundo. Pedi que fosse pra casa, mas ela resiste. Fica desfilando por aí de calcinha e uma camiseta minha emprestada, me vendo ter arrepios de febre debaixo das cobertas.

Segunda

A febre baixou. Marilena ligou para o meu escritório dizendo que eu não estava em condições de ir, descobriu o melhor especialista em caganeira da cidade, mas só conseguiu marcar hora para amanhã. E, por fim, trouxe seu *laptop* para casa a fim de escrever enquanto tomava conta de mim. Só três meses de namoro. Se não fosse ela, não estaria comendo nada e provavelmente já teria morrido de desidratação. Meu corpo só seria encontrado meses de-

pois. Iam me ligar do trabalho, mas insistiriam só o suficiente para concluir que enlouqueci de vez e abandonei o emprego. Meus pais telefonariam, mas sem insistir, achando que eu os evitava, como de hábito. Alguns amigos me procurariam, o Arnaldo ia deixar um recado engraçado na secretária, mas eu não retornaria, e eles decidiriam que eu viajara a trabalho. Talvez nem isso, pois até ele desapareceu depois de se casar com aquela mulher esquisita. Assim, meu corpo ia apodrecer até o vizinho do 403 perceber o cheiro. Só a Marilena pra não desistir de mim.

Se bobear, o vizinho do 403 é bem capaz de achar que tem um corpo apodrecendo no meu apartamento. Meu corpo está pútrido, e o único sinal de vida é a ardência no cu. O banheiro tem um cheiro insuportável, pois continuo indo lá de meia em meia hora pra honrar o mundo com uma pasta amarela de aroma indelével.

Se bem que não é o cheiro do banheiro que se apropriou da casa. Os gases fazem isso por conta própria. Pior que já perdi umas duas cuecas. Sinto um peido a caminho, deixo-o sair com um profundo alívio mas, quando vejo, maculei o algodão branco com mais gosma amarela.

Fosse nos Estados Unidos, tudo seria muito engraçado. Americano acha flatulência a coisa mais engraçada do mundo. Mas, no Brasil, escatologia não tem graça nenhuma. Brasileiro se orgulha de tomar banho todo dia, de ser

um povo limpinho. Por isso estou preocupado. Queria que a Marilena fosse embora. Preferia ter que me virar sozinho. Em nenhum momento ela reclamou de nada, sequer fez uma piadinha. Fico com vergonha de comentar. Mas não sei como ela está conseguindo conviver com essa fedentina na casa.

Acho que extrapolamos os limites de intimidade com rapidez excessiva. Ela está descobrindo o meu interior pelo aroma e não é possível que esteja gostando. Eu mesmo estou muito decepcionado com meu eu interior, não imaginava que se desfizesse no ar desta forma, deixando esse lastro de fedor pelo apartamento.

A Marilena é realmente um achado. Por isso não quero que ela termine com nojo de mim.

Terça

O médico me encheu de remédios e disse que amanhã já devo estar melhor. E convenci a Marilena a ir trabalhar. Foi ótimo. Consegui ficar mais tranquilo durante o dia. Esquentei um purê de batata com carne moída que ela deixou pronto e passei o dia vendo merda na televisão.

De noite ela apareceu, de banho tomado, uma maletinha com uma muda de roupa, toda cheirosinha. Deu para perceber que ela fez uma careta quando entrou no apartamento e foi tomada por este cheiro de vísceras po-

dres no ar. Deu para perceber que ela disfarçou quando abriu um sorriso e perguntou: “meu gatinho melhorou?”. Eu disse que era melhor ela não dormir aqui, que eu não tinha mais febre, já estava melhor. Mas ela insistiu que eu precisava de cuidados. Fazer o quê.

Quarta

Dormir com a Marilena foi um inferno. Eu não podia sequer peidar em paz. Tinha que ir ao banheiro pra não incomodá-la com o cheiro, tentar preservar pelo menos o quarto. Lá pelas tantas, quando nem eu aguentava mais o banheiro, passei a ir peidar na janela da área de serviço.

Mas durante o dia, melhorei. Quando cago ainda parece que estou esvaziando um tubo de mostarda estragada na privada, mas pelo menos só fiz isso duas vezes hoje. E dos gases, melhorei muito. Peidei pouco. Os remédios começaram a fazer efeito. Benza Deus.

Deixei as janelas todas abertas apesar do frio e, ao longo do dia, a fedentina do apartamento foi se desmilinguindo. Aquele fedor encorpado perdeu a consistência, ficou limitado ao banheiro. Aliás, da próxima vez que me mudar, vou procurar um daqueles apartamentos antigos nos quais o banheiro tem janela.

Depois do trabalho a Marilena apareceu de banho tomado, uma maletinha com uma muda de roupa, toda

cheirosinha. Deu pra perceber que ela fez um ar de surpresa quando entrou no apartamento e não foi recebida por fetidez alguma. Deu para perceber que ela se sentia aliviada quando abriu um sorriso e perguntou: “meu gatinho melhorou?”

Quinta

Dormir com a Marilena foi um inferno. Ela tentava me abraçar na cama e eu fugia. Ainda estava desconfortável com meu próprio corpo. Eu me sentia bem, mas não conseguia tirar da memória a podridão interna que emergira naqueles últimos dias.

De manhã, depois que ela fez uma banana amassada pra mim, terminei com ela. Como ela podia ter convivido tão bem com toda aquela fedentina? Fiquei com nojo.